

AUTORES & LIVROS

10-10-1948

Ano VIII

Diretor e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 10

Vol. IX

NOTICIA SOBRE JERÔNIMO RODRIGUES

A exemplo do que fizemos em nosso número anterior, incorporando às páginas de nossa publicação o jesuíta Quirício Caxa, trazemos hoje para as colunas de AUTORES E LIVROS, o nome e a obra de outro grande vulto da Companhia de Jesus, na fase inicial do Brasil: o nome e a obra de Jerônimo Rodrigues.

Pertence ele àquela falange de homens heróicos, que, norteados por Nóbrega e José de Azevedo, realizaram a tarefa mais do que humana da catequese do primitivo Brasil.

Jerônimo Rodrigues nasceu em Cuzcán, diocese de Lanego, em Portugal, e entrou na Companhia em 1572, ano em que veio para o Brasil. Fez os últimos votos em 21 de setembro de 1594, na vila de Vitória.

No ano de 1600, encontramos-o referido entre os padres de Retitiba, com a indicação de confessor e língua. Em 1603, juntamente com o Padre João Lobato, administrava os sacramentos em Iguaçu, "uma povoaçãozinha de brancos, que nos agasalharam muito bem..."

Em 27 de março de 1605 que ele, com o Padre João Lobato, deixa Santos, indo ao encontro dos Carijós. Levavam sete índios cristãos, da aldeia de S. Barnabé, no Rio de Janeiro.

De Santos até Cananéia foram a pé, chegando ali a 4 de abril. Como não tivessem embarcação, fabricaram em uma semana uma canoa de pau de Ibraçu, "pau esse — observa Jerônimo Rodrigues — que se vai a pique, vai para o fundo... que todas as vezes que nisso cuidava, me estremeia..."

Na perigosa canoa chegaram a Paranaguá, e ali encontraram, enclausurada na orla, a urca de uns flamengos, que preparavam um barco para voltar ao Rio. Foram bem acolhidos pelos flamengos e por alguns portugueses que já residiam em Paranaguá. Deixando esse porto, tocaram em S. Francisco, chegando à La-

goa dos Patos a 11 de agosto de 1605.

Iniciam então o seu trabalho entre os Carijós, e a narrativa de Jerônimo Rodrigues toma aqui um interesse desusado. Os índios, com os quais eles se defrontam, são preguiçosos, sujeitos a traição e à deslealdade. Realista, às vezes cheio de pitoresco, Jerônimo Rodrigues pinta o encontro que ele e o Padre Lobato tiveram no Rio Ararungaba com o índio Tubarão, que era o intermediário dos outros.

Como fruto dos trabalhos dessa viagem, conseguiram os Padres Jerônimo Rodrigues e João Lobato reunir 150 índios e índias, e os traziam para ser doutrinados às aldeias do Rio de Janeiro. Tiveram, porém, de aportar a Santos, ameaçados pelos ventos contrários. Ali chegaram, o capitão de Santos instigou os moradores contra os padres, afirmando que não deixassem sair da vila os índios. E de tal forma

agiram os Santistas, que efetivamente lograram reter, transformando-os em escravos, os Carijós dos Padres Rodrigues e Lobato.

O Padre Jerônimo Rodrigues faleceu em 1631, em Retitiba. Jaz ali sepultado, juntamente com o superior Diogo Fernandes, Antônio Dias, Domingos Garcia, e outros grandes sacerdotes daquela época.

Bibliografia de Jerônimo Rodrigues

— A missão dos Carijós — *Noticiae Missionum Brasiliensium*. Foi escrita em português e é uma missiva, cujo destinatário ficou ignorado. O Padre Serafim Leite infere do texto que foi destinada a um Padre, de "S. Vicente para cima".

Vem na íntegra nas *Novas Cartas Jesuíticas*, do Padre Serafim Leite, ps. 198-246.

— Cartas. Vêm na *Relação Anual*, de Fernão Guerreiro.

ANIBAL FREIRE NA ACADEMIA

Na última quinta-feira, 30 de setembro, a Academia Brasileira de Letras procedeu à eleição para a cadeira n.º 3, vaga por morte de Roberto Simonson. Foi eleito o escritor Anibal Freire.

Vai assim ocupar uma das cadeiras da Academia uma das mais altas e nobres expressões da inteligência literária do país. Iniciando a sua vida pública como jornalista, Anibal Freire era pouco depois dos 20 anos diretor do *Diário de Pernambuco*, do Recife. Já havia tido antes (desde os 14 anos) vivaz e persistente atuação nos jornais de seu Estado natal, *Sergipe* — no *Tempo*, em 1898 e, em 1899, no *Porvir*, em 1900; no *Estado de Sergipe* (no mesmo ano). Exercitava-se, a esse tempo, na crítica literária, e comentava e discutia grandes temas do espírito brasileiro, como os discursos de Tobias Barreto, a posição de Clóvis Bevilacqua diante de Sergipe, o meio intelectual de Aracaju, etc.

Mas não limitou a sua atividade jornalística, nessa fase, à imprensa de Aracaju: teve contacto também com o público do Rio de Janeiro, através das colunas da *Cidade do Rio* e das da *Gazeta da Tarde*, nas quais deixou ampla e excelente colaboração, sempre de índole nitidamente literária.

Foi depois, em virtude de brilhantíssimo concurso, professor da Faculdade de Direito do Recife. A sua cátedra de mestre e a sua banca de diretor de jornal, foram buscadas os pernambucanos, e o elegeram deputado federal. Na Câmara, ocupou posições de grande relevo, como a de Relator do Orçamento da Recente, e se impôs como um dos primeiros oradores parlamentares que o Brasil ainda possuiu.

Veio, depois, o período do ostracismo político, com a queda do Rosismo em Pernambuco. Anibal Freire aproveitou esse tempo viajando e refazendo em grandes centros culturais da Europa seus sólidos estudos.

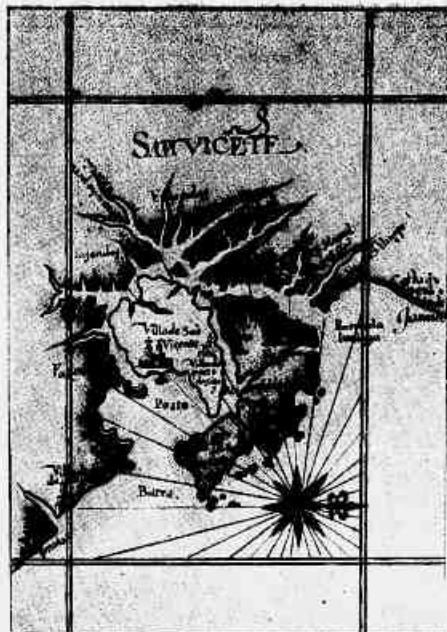
Regressou à pátria, e em breve assumiu a direção do *Jornal do Brasil*, e de novo se via eleito para a Câmara Federal. Daí — em 1925 — foi nomeado, na presidência de Artur Bernardes, para o Ministério da Fazenda.

Regressou à Câmara e ao *Jornal do Brasil* em 1928; na Câmara ficou até à vitória da revolução de 1930, quando, desiludido de posições políticas, deliberou circunscrever suas atividades ao exercício de sua cátedra e à direção do *Jornal do Brasil*. Não tardou, porém, a se ver forçado a transigir com esse programa de recolhimento, insistentemente convidado, que foi, para o cargo de Consultor Geral da República. Dali passou para o Supremo Tribunal Federal, onde é hoje, sem contestação, uma das figuras de maior prestígio e saber.

Na bibliografia de Anibal Freire arrolam os seguintes números:

— *Bancos e suas espécies. Quais os perigos a que se expõem os bancos que comandam diretamente as indústrias?* Prova escrita no concurso de Economia Política, Finanças e Direito Administrativo realizado a 20 de abril de 1907, na Faculdade de Direito do Recife — Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife, v. XXIII, págs. 67 a 81.

— *Relatório apresentado ao governador do Estado de Pernambuco pelo Secretário Geral* — Tip. do Diário de



São Vicente, Santos e Santo Amaro. — Do Códice da Biblioteca da Ajuda, *Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, baixos, alturas e derrotas que há na costa do Brasil (século XVII)*. Apud *"História da Colonização Portuguesa"*, vol. 3.º.

SUMARIO

PAGINA 113:

— Notícia sobre Jerônimo Rodrigues.
— Bibliografia de Jerônimo Rodrigues.
— Fontes sobre Jerônimo Rodrigues.
— Anibal Freire na Academia.

PAGINAS 114, 115, 116 E 117:

— Jerônimo Rodrigues — A Missão dos Carijós.

PAGINAS 118 E 119:

— A Vida dos Livros — Dante Milano (Poesias); Chermont de Brito (Caim); Verissimo de Melo (Advinhas); Astolfo Serra (A Balaiada); Italo Zingarelli (Três Impérios: o luto); J. M. de Macedo (O Moço Louro).

PAGINA 120:

— Liga Fagundes Telles — A Recompensa.
— As obras de Tobias Barreto.
— Horácio Cartier.

PAGINA 121:

— História do jornalismo no Brasil: Justiniano José da Rocha.

— Justiniano José da Rocha.
— Bibliografia de Justiniano José da Rocha.
— Fontes sobre Justiniano José da Rocha.
— Depois da Abdição, de Justiniano José da Rocha.
— Ana Amélia e Marcos de Mendonça.
— Pedro Calmon.

PAGINAS 122 E 123:

— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea - 2.ª Série: Antologia da Poesia - XXIV - José Lins do Rego.
— José Lins do Rego.
— Bibliografia de José Lins do Rego.
— O Amor (Capítulo de Eurídice).
— Água Mãe (Capítulo do romance do mesmo título).
— Natal de 1942.

PAGINA 124:

— J. M. Herédia — O Recife de Coral. Traduções de Teófilo Dias, Emílio de Menezes e Alberto Faria.
— Múcio Leão — Sonetos a Nossa Senhora.

AUTORES E LIVROS a seus assinantes

Todo aquele que tomar uma assinatura de "Autores e Livros" se tornará concorrente, em 31 de Dezembro próximo, a uma coleção dos oito volumes da primeira fase dessa publicação (Agosto de 1941 a Março de 1945). Essa coleção completa custa hoje, quando raramente aparece, seis a dez mil cruzeiros.

Um fascículo de "Autores e Livros" vendia-se a cinquenta centavos, na fase em que essa publicação era o suplemento literário de "A Manhã". A coleção completa de "Autores e Livros", de Agosto de 1941 a Março de 1945, ficou representada por cento e cinquenta fascículos, o que, ao preço da ocasião, daria um total de 75 cruzeiros. Essa coleção, entretanto, quando hoje raramente aparece, atinge ao custo de seis a dez mil cruzeiros.

Faca a sua coleção de "Autores e Livros", que estará guardando um trabalho destinado à maior valorização. As assinaturas são feitas a partir do n.º 1 (6-6-1948).

Algumas fontes sobre Jerônimo Rodrigues

— Fernão Guerreiro — *Relação Anual*.
— Padre Serafim Leite — *História da Companhia de Jesus no Brasil* — Lisboa, 1938, 1945.
— Em vários lugares, e notadamente no vol. 1.º, ps. 248, 316, 320, 326, 565, 583; vol. 2.º, ps. 220; vol. 4.º, ps. 149, 159, 441, 473, 475.
— Padre Serafim Leite — *Novas cartas Jesuíticas* — Brasileira, vol. 194.
— Simão de Vasconcelos — *Vida do Padre João de Almeida*.

Pernambuco — Recife — 1909.
— Do Poder Executivo na República Brasileira — 208 páginas e cinco sem numeração — Imprensa Nacional — Rio — 1918.
— Relatórios apresentados a 15 de agosto e 7 de outubro de 1915 pelo representante da Congregação da Faculdade de Direito do Recife no Con-

selho Superior de Ensino — Revista Acadêmica, Ano XXII, págs. 97 a 115.
— Relatório apresentado pelo representante da Faculdade de Direito do Recife, relativo à sessão do Conselho Superior de Ensino, de julho de 1917, *Jornal do Recife*, 2 de outubro de 1917.
— Relatório apresentado pelo (Continua na pág. 117)

Vindo, então, vimos dentro de uma Urca, junto da qual saíram e fomos para um bom recedido, quatro Franceses, que nela estavam, os quais em venda de seus nossos fogos, cuidando de os contrários, entiveram pela mão um caso de munição em um e se desaparecer em nós, que estávamos junto ao fogo, e mostramos o sacro de munição. E também a nós e a eles nos guardou o Senhor deste perigo. E já se sabe que o deixarem de fazer estarem cada dia esperando o

A VIDA DOS LIVROS

Milano, Dante. — **POESIAS** — Livraria José Olympio Editora, Rio, 1948 — 114 pgs.

Dante Milano publica o seu livro de estréia, mas o faz depois de uma longa, fecunda, persistente experiência poética, e quando já é por todos consagrado como um dos valores mais altos de nossa poesia.

Ele tem uma posição toda sua na vida literária brasileira dos dias de hoje. Afastado das rodas literárias, tímido talvez, pondo muito alto a ideia da poesia, desdenhando as glórias falsas que hoje brilham para se desfazerem amanhã — eis como o vemos, nós, os seus amigos, os que amamos aquela sua "arte poética", tão sutil sempre, às vezes, tão secreta.

E é nessa atmosfera inteiramente sua que ele vem construindo uma obra perdurável, de homem de letras e de artista plástico.

De artista, sim, porque — provavelmente poucos saberei disso — Dante Milano é também um escultor de talento, apto a transmitir à matéria inerte o influxo do seu fecundo sentimento, da sua emoção apaixonada. Esse aspecto, porém, é apenas um outro lado do espírito de Dante Milano, e não é, de certo, o lado primordial.

Este se encontra na poesia.

Dante Milano, discreto e medido em tudo, viu processar-se a renovação modernista, sem ter ido disputar nenhum lugar na primeira fila. Vinha das boas lições dos parnasianos e dos simbolistas, e a essa continência, que tanto o conduzia ao ideal de uma poesia limpa e talhada em linhas clássicas, juntava a sua qualidade de filho de italianos, de descendente de uma gente afeita ao amor das linhas exatas, da harmonia perfeita. Embora assim fosse, compreendeu e sentiu a necessidade da renovação modernista. E assimilou à sua poesia harmoniosa e pura aquele anseio de libertação, que o modernismo trouxe.

Temos, nele, portanto, um ser complexo e singular — um poeta que por um lado é tradicionalista e clássico, e por outro lado é renovador e libérrimo, um poeta que junta no mesmo instante essas duas tendências tão opostas.

É esse, parece-nos, o caráter essencial deste livro — **Poesias** — de teor tão raro, e se permite o termo, tão aristocrático, em nosso país.

Se quiséssemos penetrar um pouco mais longe nas **Poesias** de Dante Milano, iríamos encontrar algumas ordens de ideias permanentes, que estão aqui formando como que o fundo da atmosfera poética de todo o livro. A morte é uma delas — o, curiosa circunstância, muita vez a morte dos suicidas. Vemo-lo, por exemplo, na Canção inútil, onde o poeta confessa:

Reveste-me um falso tédio,
Que adia o inútil suicídio;

vemo-lo no soneto n.º 11, em que encontramos a vida do poeta reduzida a esta melancólica síntese, digna de Augusto dos Anjos:

... deixar sob a página da
[vide]
Um verso — esse terrível
[garatufa]

Que parece um bilhete de
[suicida].

Eis outros temas permanentes de Dante Milano — o vago, o enevoado, o inexistente, das mulheres amadas; o impreciso, o indeterminado, mas o eterno das dores na alma dos homens; a piedade e até o amor dos que o vício aniquilou... Como exemplos desta última ordem de ideias temos no livro dois poemas, sendo que um deles precisa ser aqui transcrito. É o **Bebede**:

"O bêbedo que caminha
Que mantos arrastará?
Que santo parecerá?
Gaspar, Melchior, Baltazar?
Um miserável não é.
Logo se vê pelo gesto,
Pela estranheza do olhar.
O bêbedo que caminha
Que rei bêbedo será?

Nota-se nas **Poesias** uma falha, a ser compensada na segunda edição, que fatalmente há de ter o livro: a ausência de uma parte referente a traduções. Dante Milano é um dos nossos mais exímios tradutores, e ainda há dias (no número passado) dava **AUTORES E LIVROS** uma de suas obras primas desse gênero — a esplêndida tradução do Canto V do "Inferno", de Dante. Como essa, tem ele várias outras traduções magistrais, quase todas fáceis de encontrar na primeira fase de **AUTORES E LIVROS**, ou na coleção de **Pensamento da América**. É imperdoável que tais trabalhos não tenham sido recolhidos a estas páginas.

Brito, Chermont de — **CAIM** (Romance) — Irmãos Pongetti Editores — Rio, 1947 — 186 páginas.

Chermont de Brito, desde que chegou ao Rio, vindo do Pará, dedicou-se a numerosos e ininterruptos trabalhos. Fez-se jornalista, redator do "Jornal do Brasil", cronista elegante dos mais prestigiosos e queridos da imprensa brasileira; e fez-se advogado. Mas essas atividades representam apenas o lado prático de sua existência. O outro lado — o que não é prático, mas é o lado preferido — é o do homem de letras, o de conferencista, o de crítico de arte, o de romancista, e sobretudo o de ensaísta.

No terreno do romance deram-nos ele três livros: **A Escalada**, **A Alegria do Pecado**, **A Dança do Ventre**. É a esse gênero que incorpora neste momento um novo livro — este **Caim**, que temos sobre a mesa.

Como nos romances anteriores — e aliás também nos livros de contos — Chermont de Brito mantém aqui a sua constante de sensualidade, ou talvez melhor, de sexualidade. É um característico a que ele não pode fugir, e que está impresso em seus livros desde os títulos: **Eva triunfante**, **Lesbia**, **A Alegria do Pecado**, **A Dança do Ventre** — todos títulos excitantes, volutuosos, promissores...

Aqui mesmo, em **Caim**, esse sentido se manifesta a cada passo. Os adjetivos que acompanham as descrições e as narrações que interessam a Ruth, a personagem feminina do livro, são todos adjetivos que se prendem ao carinho, ao amor, ao desejo. E sobre tudo o qualitativo volutuoso,

se, volutuosa. E essa observação ressalta ainda mais exata quando verificamos que a melhor página do livro, aquela que forma como que o centro de todo o romance, é a descrição de Ruth, no banho, bela e branca, desfolhando diante do espelho a sua nudez de lírio e de rosa.

E todo esse drama, que encontramos tão amargo e vivido no livro, é um drama de desejo e de volúpia: é o drama do amor do irmão de um cego pela esdêsa desse cego.

Em verdade, o defeito do romance de Chermont de Brito é a falta de surpresa. O próprio título já indica uma traição de irmão. De maneira que página a página a história de Roberto, Jorge e Ruth se vai desenvolvendo já como o previa o conhecimento do leitor. Nesse sentido um título vago, que nada precise, que apenas insinue, valoriza uma obra de ficção. **A Relíquia**, **A Esfinge**, **Fogo Fátuo** — quem pode saber, antes da leitura, o que seja o assunto que se apresenta sob um desses títulos?

No sentido da vida apaixonada em flagrante, das figuras que se movem e que amam ou sofrem, este romance representa, sem dúvida, um amadurecimento no conjunto dos trabalhos literários de Chermont de Brito. Lendo-o, temos realmente a impressão de que vemos mover-se e respirar aquele pobre cego, torturado de ciúmes impotentes, condenado pela miséria das coisas a uma negra solidão sem amor e sem consolo.

Melo, Veríssimo de — **ADVINHAS** n.º 1 — Biblioteca da Sociedade Brasileira de Folclore. Natal, 1948, 26 páginas.

Eis a nota (talvez um tanto ingênua, mas em todo o caso muito expressiva) que o autor pôs na primeira página deste seu livrinho:

"Todas as adivinhas desta coletânea foram recolhidas por mim em Natal, durante os anos de 1947 e 1948, ouvindo os seguintes parentes e amigos, aos quais aprofundei a oportunidade para agradecer a colaboração valiosa: Mamãe, (Emília Melo), minha noiva, (Noêmia Noronha), Pádre Elmar L. Monteiro, Yayá, tia Nenem, d. Bibi, Ivanoska, D. Lourdes e prof. Joaquim Noronha, Antonio Melo, Dulce e Abdenago Caldas, Rosado Neto, Poeta Paulo Luz, Antonio Furtado, Barbalho da Prefeitura, Oliveira Paula, José Monteiro, d. Estela Ferreira, Pastorel e Ernesto da Penso".

A essa informação, Luiz da Câmara Cascudo — que prefacia o livro — acrescenta outras: ficamos sabendo por elas que Veríssimo de Melo é jornalista, que está fundando o curso jurídico, que ama desde criança os assuntos do folclore.

No seu ensaio logrou reunir ele 168 adivinhas, divididas nas seguintes classes: 1.º Mundo físico; 2.º Religião e Mitologia; 3.º Animais; 4.º Vegetais; 5.º O Homem; 6.º Coisas materiais; 7.º Ato e tradições; 8.º Nomes, Sílabas e Letras; 9.º Problemas; 10.º Adivinhas de Conto — Algumas dessas adivinhas são verdadeiras delícias — de

poesia, de inspiração, de graciosidade. Esta:

Campo grande,
Gado miúdo;
Moça formosa
Homem carrancudo.

Sabem o que é? — Ceu,
estrelas, lua e sol.

Esta outra:

Sou uma moça branca,
Toda coberta de espinhos.
Meus filhos criados no grude
São moles mas limpinhos.

Sabem o que é? — Jaca.

Esta ainda:

Nasci nágua,
Nágua me criei.
Se na água me botarem
Nágua morrerei.

Sabem o que é? — Sai.

Veríssimo de Melo dá, com este seu ensaio, começo a uma ordem de estudos que até agora não tinham sido feitos (ou pelo menos publicados) no Rio Grande do Norte. E não só no Rio Grande do Norte; mas em quase todo o Brasil. E entretanto riquíssimo veio do folclore, esse das adivinhas, mais do que qualquer outro apto a revelar e traduzir as qualidades de finura, de ironia, de irreverência de um povo.

Fazemos votos para que nos outros Estados surjam ensaios similares a este. Lembremos o assunto, por exemplo, aos filhos de Minas Gerais — pois é bem sabido que em matéria de malícia, de argúcia, de zombaria, a gente mineira conservará sempre o primeiro lugar entre as várias famílias brasileiras.

Serra, Astolfo — **A BALAIADA**, 3.ª Edição. Bedeschi. Rio, 1948, 309 pgs.

O autor pertence à Academia Maranhense de Letras e tem publicado numerosa obra de poeta, soció-

logo, folclorista, cronista e crítico.

A Balaiada não é apenas um estudo histórico, uma crônica daquele estranho e trágico movimento que assolou a província maranhense na década de 1830. É um estudo das condições naturais e étnicas do Maranhão.

O sr. Astolfo Serra tomou o grande modelo de Euclides da Cunha em **Os Sertões**, e estuda em monografias especiais **A Terra, O Homem, a História** do seu rincão natal.

Como se sabe, João Francisco Lisboa, o maior prosador do Maranhão daqueles tempos, se viu acusado (é claro que com a maior injustiça), de estar conivente, ou pelo menos de estimular, os **Balaídos**. O sr.

Astolfo Serra mostra-nos, relacionada com esse episódio da vida do nosso grande Timon, a polémica vivaz travada entre Lisboa e Sotero dos Reis, e lembra a urgência de se perpetuar em livro essa polémica.

Porque não o faz ele próprio, que tem espírito de trabalho e ama esse sugestivo assunto? Por que esperar por outrem — ou outrem vago, que certamente jamais aparecerá?

A Balaiada mereceu a atenção dos leitores, e a prova é que já se encontra hoje em sua terceira edição.

Zingarelli, Italo — **Três Imperialismos em Iúlia**. Tradução de Asdrubal Mendes Gonçalves. — Instituto Progresso Editorial — São Paulo, 1948, 227 pgs.

A condenação divina, diante do crime de Adão e Eva, não foi apenas para que o homem e a mulher vivessem e morressem entre lágrimas e dores; foi também para que a espécie a que eles pertenciam se existisse entre guerras.

E esta, parece, a amarga e trágica consequência, a única que podemos tirar.

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mucio Carneiro Leão

ASSINATURAS

EM TODO O BRASIL: Anual Semestral Trimestral
Porte simples Cr\$ 100,00 Cr\$ 55,00 Cr\$ 30,00
Porte registrado Cr\$ 120,00 Cr\$ 65,00 Cr\$ 35,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12, and. — 47-3717
RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leonidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 55 — 2.º andar. Fone: 42-5823.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.

Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (alem da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 13.º andar — Fone: 22-8981, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.
— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 23-1931. Tratar com Eurico Cardoso.
— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farias.

Para números atrasados: os dois últimos pontos acima (alem da redação).

"SÃO PAULO" COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO-BRANCO, 171, 44.º

DIRETORES

Dr. José Maria de Almeida
Dr. Ernesto de Almeida
Dr. J. C. de Almeida

A VIDA DOS LIVROS

deste inquietador livro de Italo Zingarelli.

Três Imperialisismos em Luta — é o título dessa obra. E que imperialisismos são esses? É de um lado o imperialismo britânico, envelhecido e superado, que faz todos os esforços para manter as suas posições, acaso condenadas pela própria fatalidade da história; é, do outro lado, o imperialismo dos Estados Unidos, este em pleno vigor e em pleno esplendor; e é, em luta com os dois, o imperialismo russo, que se forma e se apresta para tomar posições, e que, sob certo ponto de vista, é o mais perigoso de todos, pois, fala uma linguagem aliadora e universal, uma linguagem que repercute no coração de todos os desajustados, de todos os miseráveis.

É a explicação e a análise de um triste e sombrio mundo assim dividido que nos faz Italo Zingarelli.

Como conclusão de suas meditações tão agudas e tão atuais, chega ele àquela mesma interrogação ansiosa que está na alma de todos nós: Virá nova guerra? Sua resposta parece ser um sim, pois ele sabe muito daquela velha palavra, segundo a qual quem semeia ventos só pode colher tempestades. — Se os homens loucos de hoje só semeiam o ódio e a guerra, como poderão colher a fraternidade e a paz?

E se vier uma nova guerra, que vai ser da humanidade? — é outra pergunta que ele se dirige. E em resposta formula informações pavorosas. Segundo o sábio dinamarquês Niels Bohr, não há defesa possível contra a bomba atômica. Atente-se, além do mais, a que a bomba atômica que é fabricada hoje já deixou longe aquela que destruiu Hiroshima: deante das de hoje, aquela outra não é mais do que um fogo de artifício. Basta dizer que as bombas atômicas fabricadas em 1946 e 1947 eram 600 vezes mais poderosas do que a que foi lançada sobre o Japão. Hoje, talvez, já existam outras com um poder mil vezes maior do que aquela. A de Hiroshima só destruiu uma cidade e só matou 80 mil pessoas. A de amanhã destruirá zonas de 300 a 400 mil-

has quadradas. — Não parece o fim do mundo?

E com tais expectativas vemos a corrida insana para o conflito: o homem pedindo guerra nas ruas de Leningrado, nas praças públicas de Berlim, nas ruínas das antigas cidades de Jesus, em toda a parte.

Dir-se-ia que estamos vivendo num grande asilo de loucos — pois é bem certo que o Senhor deve enlouquecer primeiro aqueles que quer perder.

Macedo, Joaquim Manuel de — **O Moço Loiro** — Ilustrações de Percy Lau — Edições Melhoramentos — São Paulo, 1948.

Houve tempo em que o velho Macedo foi a coqueluche dos que no Brasil gostavam de ler romances. Ele repartia então com José de Alencar a coroa do nosso melhor romancista. E se o autor de *Iracema* merecia a preferência daqueles que tinham uma índole mais fina, mais inclinada ao sentimentalismo e à poesia, Macedo era procurado pelos que buscavam antes num romance o quadro da vida, o flagrante das almas e dos costumes.

Mas os tempos mudaram. Veio o romance psicológico, à Dostoiévski e à Proust, e os autores simples e inadaptados dos grandes problemas morais foram postos de lado por uma elite de leitores exigentes.

Macedo caiu assim no desdém dos críticos, dos leitores cultos, ou se preferimos, requintados.

Mas apostamos em que nos meios mais modestos, nos ambientes familiares e provincianos, o prestígio de que goza é ainda vivo e permanente — é aquele mesmo antigo prestígio com que ele era lido e amado ali por 1860...

A prova de que é verdade o que dizemos são as repetidas edições de suas obras.

A companhia Melhoramentos de São Paulo está dando nova edição dos romances do escritor fluminense. E nessa coleção já surgiram: *O Rio do Quarto*, *Os dois Amores*, *A Laneta Mágica* e *A Moreninha*. Surge agora, em um só volume, *O Moço Loiro*.

Gostaríamos de saber qual o número de ordem dessa edição — mas isso será provavelmente muito difícil. Deve ser impossível levantar o quadro completo das edições desse livro — como o é também da *Iracema*, da *Moreninha*, da *Primavera*, das *Expumas Flutuantes*. Há as edições conhecidas, as lealmente declaradas. E as clandestinas?

Do *O Moço Loiro* Inocêncio conheceu as edições seguintes: a 1.ª, do Rio, de 1845; a 2.ª, igualmente do Rio, de 1854; a 3.ª, ainda do Rio, de 1862; a 4.ª, do Havre, de 1876. Blake, que relaciona as mesmas edições de Inocêncio, acrescenta mais duas: uma da Biblioteca das Damas, do Porto, em 1855; a outra de 1856. Além dessas seis, são conhecidas várias outras, devidas ao editor Garnier e aos editores Teixeira & Cia., de São Paulo.

Entre tantas outras, a edição Melhoramentos vem agora tomar lugar, despertando a atenção e a curiosidade dos leitores pelo gracioso dos desenhos de que ornou Percy Lau.

LIVROS RECEBIDOS

— Bormann, Oscar — **Rui Barbosa, Ministro da Fazenda** — Separata do vol. XVIII, tomo II das *Obras Completas de Rui Barbosa*, 1948. Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — Brasil, XCH ps.

— Oliveira, Martins de — **Olivia Carta à Academia Brasileira de Letras** —

Gráfica Cidade de Viçosa — 1948, 8 pgs.

— **Comemorações Euclidianas — 1947** — Editorial Guanumby — São Paulo, 1948.

Encerra entre outros documentos: — **Carta de Euclides da Cunha a Ludgero Freytes** (inédita).

— Prof. Karl Schwarzenbach — **A Impressão que a obra de Euclides da Cunha causa a um alemão**.

— Cassiano Ricardo — **O Bandeirante Euclides**.

Traz também o retrato de Euclides da Cunha, além de vários outros documentos fotográficos.

— Clá, Revista de Cultura (Fortaleza) — 4 — Agosto de 1948.

— **Atlântico — Revista Luso Brasileira**. Nova série. Nos. 1, 2, 3, 4, 5, e 6. Rio de Janeiro e Lisboa, 1948.

Esta publicação tem como diretores Oscar Fontenelle e Antonio Ferro, como secretário de redação José Osório de Oliveira e como diretor artístico Manoel Lapa.

No primeiro número da *Nova Série* achamos entre outros trabalhos, um soneto de Emílio Moura, dedicado a Camões; um estudo de Josué Montello sobre a influência lusitana na fisionomia histórica do Maranhão; uma composição poética de Alphonsus de Guimarães Filho sobre os "Anjos do Aleijadinho"; um trabalho de João de Castro Osório acerca dos "Mistérios da Literatura Popular"; versos de Jorge Barbosa, sob o título "Você Brasil";

um conto de Natércia Frei; uma poesia de Ribeiro Couto; um estudo de José Osório de Oliveira, sobre o tema "Da autonomia da Literatura Brasileira"; versos de P. Leão de Moura, escritos no Funchal e subordinados ao título "Cabuçú"; a fantasia "A deusa", de Mendes de Brito; "Teatro Brasileiro Contemporâneo e um Dramaturgo", de Luis Francisco Rebelo e mais outros trabalhos e composições. Nos outros números colaboram Lígia Fagundes Telles, Jorge de Lima, Antônio Pinto de Medeiros, Alvaro Ribeiro, Eugênio, Aurora, Amadeu Cunha, Carlos Parreira, Luis Silveira, Cecilia Meireles, Rachel Bastos, José Albano, Neves e Sousa, Maria Elvira Barroso, Orlando Vitorino, Manuel Lopes, Manoelito de Ornellas, Antônio Quadros Carlos Queirós, Cabral do Nascimento, Hermann Ferdinand Schell, Ademir Vidal, Alberto Osório de Castro, Edmundo Correia Lopes, Lúcio Cardoso, Carlos Parreira, Raul Bopp, Henriqueta Lisboa, Tomás de Figueiredo, etc.

— Leite, S.J., Serafim — **O Curso de Filosofia e Teologia para se criar a Universidade do Brasil no século XVII**. Separata da revista *Verbum*, T.V., Fasc. 2, junho de 1948. Universidade Católica, 1948, págs. 107 a 143.

— **Obras do Barão do Rio Branco, VIII — Estudos Históricos**. Ministério das Relações Exteriores. Imprensa Nacional, Rio, 1948, 226 páginas. Contém os quatro trabalhos seguintes:

UM LIVRO FUNDAMENTAL

Uma Edição
I.P.E.

pelo conhecimento
da nossa História

MEMÓRIAS
DO VISCONDE
DE TAUNAY

EM TODAS AS LIVRARIAS

O retrato de figuras primordiais da História do Brasil por um dos maiores historiadores do segundo império. Esse livro ficou guardado por cinquenta anos no cofre de sigilo do Instituto Histórico Brasileiro.



Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPER — Caixa Postal: 487

Única recebedora e distribuidora da açúcar de produção das usinas do Estado pelos centros de consumo do país e do exterior

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 246 E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito Cr\$ 4.966.100,00

" integralizado Cr\$ 4.877.200,00

Fundo de Reserva Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 9 - 2/301

Em São Paulo: — Rua Alvaro Penteado N.º 189 a/300

Este ano registra a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 8 milhões de sacos de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

O Conselho de Administração da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim organizado:

Diretor-Presidente: José Pereira de Queiroz; Diretor-Tesoureiro: Willyard Russel Shorto; Diretor-Secretário: Flávia de Almeida.

Diretores: Joaquim Bandeira e Mário Monteiro.

PARA PEDIR EMBOLSO POSTAL - CAIXA POSTAL 3981 - SÃO PAULO

A RECOMPENSA

LYGIA FAGUNDES TELLES

Horacio Cartier

Pedro foi ao terreiro e apanhou um calote velho que a mulher atirara ali. Com um olhar vago, pôs-se a examiná-lo. Dá um bom currinho para Luzia, pensou. E as rodas? Como fazer as rodas? Só mesmo se o avô o ajudasse, que o avô tinha muito jeito para essas coisas. Depois pintariam o carro de azul...

Sentou-se no calote. E sorria para Luzia que ia indo pelo campo agora trepada num carrinho azul. Teodoro equilibrava-se atrás e a menina ria a sacudir a cabeça encaixada. "Cuidado!" Pedro ia gritar-lhe. Mas de repente, como uma bolha de sabão, o carrinho desfez-se no ar.

O homem passou pelo rosto as mãos geladas e úmidas. Aquela era a hora em que ele perdia a noção das coisas em redor. Ficava de boca aberta e seca como se estivesse engulido um punhado de areia. Então as pálpebras de chumbo baixavam e através da membrana vermelha, por entre caracóis trêmulos, via cenas meio desmanteladas, mas às vezes tão agradáveis, que lhe faziam sorrir. Desapareciam os trapos e as imundícies. E surgia Teodoro a galopar num cavalo e Luzia era linda como a menina da folhinha, e a roupa do avô era igual a dos fazendeiros, e o sol invadia a casa fazendo com que Alice desabrochasse como o milho de pipoca, fresca e salitante de vida... Através da membrana, ele próprio era um homem cor de sangue, montado na terra.

— Pedro! — era a voz de Alice — Já foi falar com Felício? Será que você vai passar a manhã inteira aí, encorajado? Se mexa um pouco, homem de Deus!

Ele abriu os olhos. E inclinando-se para o chão, distraidamente pôs-se a arrancar pequeninos brotos, esmagando-os entre os dedos. Uma cobrinha esverdeada deslizou ligeira por entre o capim. Pedro pensou em matá-la mas teve medo. E se fosse venenosa? Um dia pisara numa coral. Era lisa e fria, toda listada de vermelho...

Quando Pedro conheceu Alice, ela usava um vestido de pitangas vermelhas. "Sabe, Pedro, se a gente trabalhar bastante, a gente ainda acaba dono de um sítio!"

Primeiro foi a terra que se fechou seca e hostil quando suas mãos a procuraram. Depois, foi Alice. Queis reagir. Mas um cansaço bom prontou-o e ele abriu os braços e se entregou à sua melancolia, num espreguiçamento que era quase um espasmo. As vezes, seu tombo era gélido; outras vezes, fogo.

Nasceu Teodoro, a barriguita inchada, ranhento. Depois, Luzia. "Veja como ela é bonita!" exclamava Pedro a envolver entre os dedos um anel do cabelo da menina. "Mais uma boca, fale assim", respondia Alice.

Veto o avô morar com eles. "Meu neto, — exclamava o velho a olhar com desconfiança para a figura vacilante de Pedro, — essa sua doença te acaba. Me dá pena!" suspirava até a menear a cabeça tristemente. No entanto, não hesitou em tomar o partido de Alice que era ambiciosa e forte. Teodoro também, logo que começou a ter entendimento das coisas, pôs-se ao lado da mãe.

Uniram-se os três. Mas se uniram por pouco tempo porque cedo começaram as disputas por umagalho mais quente, por uma razão maior. Tanta insinua acabou por torná-los egoístas como lobos esfaimados. Agora, o avô já se queixava de Alice, que em uma malhada; Alice acusava o velho de ser um estorvo azarento e ambos desprezavam Teodoro que crescia doentio como o pai. O mesmo sentimento que no começo os uniu acabou por separá-los. Odiavam-se.

Recuando sempre diante dos três inimigos, Pedro voltou-se para a pequena Luzia. Ela, sim, jamais o culpava, como faziam os outros, da unidade da casa e da escassez da comida. Para a filha, ele era o homem poderoso que transformava caixotes em carros e matava cobras com os pés. Confiava nele com essa instintiva fidelidade de um animalzinho. E ele então pensava que triste seria se não tivesse ninguém para lhe pedir que mandasse parar as tempestades ou frutificar a godela do quintal.

— Num ouviu o que eu disse, Pedro? — exclamou Alice apertando na porta. — Sei que hoje é domingo, mas pra quem num faz nada na semana inteira...

Pedro ia responder-lhe, mas ela não esperou e voltando-se abruptamente, como quem não tem tempo a perder, dirigiu-se para os fundos da casa.

O avô veio sentar-se no degrau de tijolo onde há pouco estivera a mulher. Resmungando numa linguagem engrolada ele passava os dias assim, aquecendo-se ao sol quando havia sol, refugiando-se na enxerga quando fazia frio. As vezes ria, escarregando por entre as gengivas murchas. As vezes chorava, sacudindo os ombros, mas como dos olhos não brotassem lágrimas, aquele era um choro que mais parecia uma salvação risada.

Pedro teve um olhar furtivo para os cabelos ralos e brancos. Se lhe desse um casaco novo e uns sapatos... Escolheria para Alice um vestido igual ao que ela tivera, todo cheio de pitangueiras. Teodoro ganharia um cavalo, que cavalo era a coisa que o menino mais desejava na vida. O avô ficaria alvorçado como uma criança, e Alice voltaria a fazer planos, e Teodoro passaria a respeitá-lo. Para a pequena Luzia, daria montes e montes de doces. Bem penteada e limpa, metida em roupas de seda, ela bem se poderia comparar à menina da folhinha, uma menina de botinhas abotoadas até os joelhos, gola de renda e cara de romã.

— Pai, pai!

O homem ergueu-se num sobressalto. Atrás dele estava Luzia. Viera correndo e agora tomava fôlego para poder falar. Vestia uma camisolinha enlameada e em redor de sua boca, havia uma orla encardida de manga.

— Pai, — prosseguiu a menina afastando os cabelos que lhe caíam na testa — a cerca arrebitou-se e uma porção de porco fugiu! O Felício disse que é pro senhor ajudá a procurá também...

— Não existe cerca que segure bicho com fome, — murmurou Pedro entre os dentes. — Nessa fazenda, tudo passa fome, até porco.

— Ih... ih... ih... —riu o avô. — O Coronel deve tá louco! Me lembro do barulho que fez quando roubaram dois cavalo magro. Ficou ulvando que nem cachorro em noite de lua. Ih!...

— O Felício, — prosseguiu a menina a lambear um carão embranquecido de manga, — disse assim... — enguliu o caldo, limpou o nariz nas costas da mão e atirou longe o carão, — que se a gente prender algum porco, que ele dá pra gente farinha e linguiça. O Teodoro já saiu procurando e eu vou ajudar. Posso ir, né? Deixa, pai?

E antes que Pedro respondesse, como um cabritinho, desceu nos pulos o barranco e saiu correndo pelo campo agora.

— Vou dar uma vista por aí... — disse Pedro num tom indeciso. Voltou-se bruscamente a olhar na direção que a menina

seguira, mas ela já havia se embrenhado no matagal. — Num ganto nada de meter as crianças nisso! exclamou.

— Pois vá também, em vez de ficar aí parado! — disse o avô impaciente. — Se eu pudesse, eu ia, que o Felício disse que dava farinha e linguiça, num ouviu? A comida por aqui anda ruim. Eu passava melhor quando era mendigo de estrada...

Pedro foi até a horta. Lá estava Alice a revolver a terra. Tinha nas mãos uns restos de verduras tão enegrecidas que pareciam ter saído de uma fogueira.

— A genda matou tudo, — disse.

Pedro escondeu suas mãos nos bolsos — mãos secas e amareladas como duas folhas crestadas.

— Se alguma das crianças aparecer, não deixe mais sair, que... — começou o homem e não terminou a frase. A mulher olhava-o firmemente. Tinha uns olhos encoados e turvos.

— Alguém tem que ajudar, não é mesmo? — ela perguntou com um sorriso.

Ele não respondeu. Sem pressa, afastou-se da horta, deu uma volta em redor da casa num andar indeciso. Por um momento, entendeu, o rosto voltado para o matagal. E de repente, num estremecimento, pareceu despertar. Desceu apressado o barranco e a passos largos foi atravessando a várzea. De longe, viu o vulto de Teodoro que vinha correndo.

— Ei! Teodoro! — Pedro gritou. — Viu Luzia?

O menino aproximou-se aos pulos, a cara ardendo, os olhos brilhantes de alegria. Apertava contra o peito dois embrulhos. — Pai, pai, olha! Olha o que o Coronel me deu, linguiça e fubá! Peguei uns quatro porcos! Eu mais o Felício, pegamos eles assim, pelas orelhas!

— Viu Luzia? onde está Luzia?

— Lá sei, num vi ela! — disse o menino e continuou a correr, galeando pelo campo em direção à casa.

O homem pôs as mãos em concha ao redor da boca.

— Luzia! — gritou. — Onde é que você está! Luzia!... Detive-se a ouvir atento, afilou os olhos que iam de um lado para outro, numa expressão de angustante ansiedade. E como não viesse nenhuma resposta, numa corrida desenfreada, chegou até o matagal.

Na quietude do arvoredo úmido e sombrio, só lhe vinha um zumbido noturno de insetos, misturado ao desordenado piar dos passarinhos. Pedro pisava leve sobre as folhas que estalavam sob seus pés. Chegou a sorrir com esse ar desconfiado de quem está prestes a levar um susto.

— Luzia, você está se escondendo de mim? — perguntou baixinho a examinar os troncos de árvores, a espera de que por detrás de algum deles, de repente, a filha saltasse rindo.

Por um momento ficou imóvel, a olhar para um formigueiro. Acompanhou distraidamente o vôo de uma borboleta amarela, coçou devagar o pescoço picado por algum mosquito.

— Luzia... — chamou num sópro de voz — Luzia! hein! hein! num estremecimento, e os olhos se arregalaram apavorados — Me responde, me responde! — suplicou a correr, arrastando-se nos capinhos, debatendo-se para romper os cipós que se emaranhavam em suas pernas, dificultando-lhe os passos.

Quando parou, foi para tomar fôlego, exausto, e limpar o rosto molhado de suor. Arfava. Em volta, o silêncio. E só então chegou a seus ouvidos um garrulho alado.

— Luzia! — e precipitou-se de um salto para a clareira.

Três grandes porcos negros chafurçavam os fcinhas vorazes no corpo da menina. Mordiam-na aos pulinhos disputando a presa. Furiosamente arrancavam bocados de carne que mastigavam, sôfregos, com o ruído úmido de bocas famintas.

Atravessando-se sobre os animais, Pedro saltou um grito alucinado: "sal! sal!". Piscou-os com os laços das botas, atirou-os com os punhos cerrados e num esforço supremo, conseguiu afastá-los. Amedrontados, puseram-se à distância, lambendo os fcinhos, espantando.

Pedro ajoelhou-se ao lado da filha. Ela estava de bruços. Nas costas, dentre as tiras da camisola, havia dois buracos por onde saía um sangue borbulhante, quase morro.

Ergueu-a nos braços. Na frente, a roupa estava intacta, apenas enlameada, só isso... O rosto também não havia sido tocado. Estava sujo de terra e caldo de manga.

— Eu não queria que você fosse... — sussurrou ao afastar um beuro que se emaranhava nos cabelos encanecidos. — Eu não queria... — repetiu a ouvir a própria voz, como num sonho. Foi andando devagar. Quem me encontrar assim, — pensou — quem me encontrar dirá: lá vai Pedro carregando Luzia. Ela levou um tombo, sujou-se na terra, foi isso.

Os olhos brilhantes e secos vagaram pela campina. Apressou o passo, cambaleando como um bêbado. "E a febre!... Fica tudo vermelho, mas daqui a pouco eu acordo, acordo..."

Ao chegar, explodiu pela janela. Sentado em redor da mesa, os três comiam. Não se falavam. Com as caras muito próximas aos pratos, comiam vorazmente o fubá e a linguiça.

Em silêncio, segurando o pequenino corpo de encontro ao peito, Pedro sentou-se no calote. "Não, não aconteceu nada! Aquela mancha não é de sangue, aquilo ali é terra. Ela estava brincando, depois cansou-se e dormiu."

Fechou os olhos fortemente, apertou-os com a palma da mão gelada, com medo de que se abrissem.

Lá de dentro veio o ruído molhado das bocas mastigando sôfregamente. Pedro escondeu o rosto na camisolinha. E ali ficou imóvel, a espera de que eles terminassem.

AS OBRAS DE TOBIAS BARRETO

O Senador Augusto Meira, na sessão de 16 de setembro último, discursou eloquentemente sobre a vida e o gênio de Tobias Barreto. Como conclusão do seu discurso, enviou à Mesa da Casa em que tem assento o seguinte projeto:

"O Congresso Nacional decreta: — Art. 1.º — E o Executivo autorizado a fazer na Imprensa Nacional, uma edição condigna das obras completas de Tobias Barreto de Menezes e abrir

pelo Ministério da Educação e Saúde um crédito especial até 300 mil cruzeros para essa fim. Art. 2.º — Nessa edição deve ser atendida e respeitada religiosamente a grafia do próprio autor, de modo que valha por uma documentação integral o fiel do seu pensamento. Art. 3.º — Os volumes dessa edição serão expostos à venda e o produto recolhido para ressarcimento das despesas que se fizerem. Art. 4.º — Obtido esse ressarcimento, os volumes restantes serão distribuídos

ANDRÉ MAUROIS

A Academia Brasileira de Letras elegeu recentemente para o seu quadro de membros correspondentes o escritor francês André Maurois.

O autor de *Byron* vai substituir naquele sodalício o Embaixador Alexandre Conty.

buidos pela bibliotecas dos Institutos de ensino secundário e superior do País e o montante dos saldos será depositado à disposição dos herdeiros do grande escritor. Art. 5.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua promulgação. Artigo 6.º — Revogam-se as disposições em contrário".

HISTORIA DO JORNALISMO NO BRASIL: JUSTINIANO JOSE' DA ROCHA

JUSTINIANO JOSE' DA ROCHA BIBLIOGRAFIA DE JUSTINIANO JOSE' DA ROCHA

Justiniano José da Rocha nasceu nesta cidade, a 8 de novembro de 1812, e era filho do José Caetano Rocha. Fez os estudos secundários em Paris, no Liceu Henri IV, onde foi colega dos príncipes de Orleans e teve ocasião de ser examinado em Latim na presença do rei Carlos X. Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo em 1833, e era, àquela época, conforme o descreve Almeida Nogueira, um rapaz "de estatura mediana, cheio de corpo, tez morena, olhos e cabelos negros. Inteligente e esportivo, de trato agradável, boa palestra, repleta por grande cultura literária e constantemente humorística". Foi, quando estudante, sócio fundador da Sociedade Filarmônica de São Paulo, colaborador da revista da associação.

Em 1836, já no Rio, deu início à sua atividade jornalística. E' daquele ano a fundação de dois dos seus jornais: *O Atlante*, que pouco viveu, e *O Cronista*, que existiu até 1839. Era uma folha de oposição ao governo Felício, e nela Justiniano tinha como companheiros Firmino Rodrigues Silva e Josino do Nascimento. Em 16 de junho de 1840 fundou *O Brasil*, que existiu até 1852. Saía a princípio três vezes por semana e depois diariamente. Combatia a causa da maioridade de D. Pedro. Nesse mesmo ano de 1852, edita ele o *Correio do Brasil*, que morre no ano seguinte. Defrontou-se ali, em sua seção *Prós e Contras*, com Francisco de Sales Torres Homem, o qual, no *Correio Mercantil*, redigia os seus artigos — *A Conciliação e os Partidos*. De 1853 a 1854, esteve ele em *O Velho Brasil* — que outra folha não era, senão o seu mesmo *Brasil* de 1840-1852, agora renascido. Em 1854, achava-se ele em *O Constitucional*, que também só conseguiu manter durante um ano. Em 1860 — a 9 de fevereiro — funda *O Regenerador*, que dava o seu último número a 28 de setembro do ano seguinte. Afinal, desistindo de fundar outros jornais, aceita a colaboração no *Jornal do Comércio*, onde publica vários romances e numerosos artigos.

Deixou com o seu talento jornalístico a impressão

mais viva e perdurável nos contemporâneos. Foi comparado, ainda em vida e depois de morto, com os maiores jornalistas brasileiros — com Lado, com Januário, com Evaristo. Macedo observa que o cetro do jornalismo brasileiro passou das mãos de Evaristo para as de Justiniano. Outro biógrafo mostra-nos Justiniano em pleno flagrante de trabalho, com a sua imensa facilidade de escrever, cercado de pássaros e de crianças palradoras, discutindo, em meio de rumores incríveis, os grandes problemas da política e da organização nacional. Esta a vida de jornalista de Justiniano José da Rocha.

Ac lado do homem de imprensa, porém, foi ele também o professor e o político. Já em 1836, era professor de História e Geografia do Pedro II, cargo de que pediu demissão pouco depois. Em 1841 era nomeado lente de Direito Militar da Escola Militar, e ali também lecionou Francês e Latim. Foi diretor das aulas da instrução primária e membro do Conselho da Instrução Pública da Corte. Na quinta, oitava e nona legislaturas, representou a Província de Minas Gerais. Foi na Câmara, na sessão de 26 de maio de 1855, que teve ocasião de pronunciar, às vezes entre soluços, aquele discurso que ficou famoso nos Anais do Parlamento brasileiro, no qual deitou diante dos olhos do país o quadro de suas necessidades, de sua enorme pobreza. Faleceu em 10 de julho de 1862, vítima de uma lesão cardíaca.

Conforme foi então publicado, deixou uma dívida de mais de vinte contos, com hipoteca e juros de 13% no Banco Rural e Hipotecário, além de outros compromissos, sendo o seu espólio formado apenas de um prédio à rua Nova do Conde n.º 176, de três escravos e dos móveis de sua casa. Isso, para sua família que se compunha de 15 pessoas — 15 pessoas entre as quais havia octogenários e órfãos pequeninos! Foram então abertas subscrições no Rio de Janeiro para atender às necessidades da desventurada família.

Justiniano José da Rocha é patrono da Academia Carioca de Letras.

- *Considerações sobre a administração da justiça criminal no Brasil e especialmente sobre o fari, onde se mostram os defeitos radicais dessa não dada instituição, com um apêndice, contendo a análise do processo de La-Rochelle, acusado de estupro e tentativa de assassinato, julgado nos tribunais de Assises, de Paris, em 1835.* Rio de Janeiro, 1835, 148 páginas in-8.º.
- *Compêndio de geografia elementar, oferecido ao governo de S. M. I. e por ele aceito para uso dos alunos do Imperial colégio de Pedro II.* Rio de Janeiro, 1838, 142 págs. in-8.º. Segunda edição completamente refundida e aumentada, 1850, 321 págs. in-8.º.
- *Os Assassinos misteriosos ou a paixão dos diamantes.* Novela histórica. Rio de Janeiro, 1839, 39 págs. in-8.º. Saiu assinada somente com as iniciais J. J. R.
- *A Rosa Amarela* — Novela de Charles Bernard, traduzida. Rio de Janeiro, 1839, 82 págs. in-8.º.
- *As armas e as letras* — Novela de Alexandre de Levesne, traduzida. Rio de Janeiro, 1839, 81 págs. in-8.º.
- *A pele de Leão* — Novela de Charles Bernard, traduzida. Rio de Janeiro, 1842, 138 págs. in-8.º.
- *Relatório do estado das aulas de instrução primária na província do Rio de Janeiro, apresentado a 1 de fevereiro de 1842, etc.* Rio de Janeiro, 1842, 27 págs in-4.º.
- *Inglaterra e Brasil. Tráfico de escravos.* Rio de Janeiro, 1845, 273 págs. in-8.º — e mais 19, contendo uma nota diplomática do ministro de estrangeiros, ao sr. Hamilton, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da Grã-Bretanha. E' uma coleção de escritos publicados no "Brasil".
- *O Conde de Monte Cristo*, por Alexandre Dumas. Rio de Janeiro, 1845, 10 tomos de 155, 160, 169, 106, 197, 168, 216, 217, 169 e 228 páginas in-8.º. Esta tradução foi publicada no "Jornal do Comércio", e é por muitos considerada superior às outras que se fizeram desse romance em Portugal. Segunda edição em 1847, também em 10 tomos.
- *Piquillo Allaga ou os mouros no reinado de Felipe III*, por Eugenio Scribe, traduzido. Rio de Janeiro, 1847, 426 págs. in-4.º.
- *Biografia de Manoel Jacinto Nogueira da Gama, Marquês*

- de Baependi, etc. Rio de Janeiro, 1851, 118 págs. in-8.º com o retrato do biografado.
- *Coleção de fábulas imitadas de Esopo, e de La Fontaine, dedicadas a S. M. o Imperador.* Rio de Janeiro, 1852, in-8.º. Segunda edição adotada para leitura das aulas primárias do município neutro. Rio de Janeiro, 1856. Nova edição, Paris, 1875. Nova edição, Paris, 1885, sem designação de data, e com a declaração de "nova edição muito melhorada com numerosas vinhetas, adotada para leitura das escolas, contendo 120 fábulas". Esta edição faz parte da coleção intitulada "Enciclopédia das Escolas Primárias".
- *A Política Brasileira na república oriental do Uruguai*, por um brasileiro. Rio de Janeiro, 1854, 142 págs. in-8.º.
- *Ação, Reação, Transação.* — *Dois palcos acerca da atualidade política do Brasil.* Rio de Janeiro, 1855, 56 págs. in-4.º. E' uma publicação anônima.
- *A questão do dinheiro* — Comédia em cinco atos em prosa, por Alexandre Dumas Filho, traduzida por J. J. da Rocha. Rio de Janeiro, 1858, 193 págs. in-4.º.
- *Compêndio de história universal.* Rio de Janeiro, 1860, 4 vols. in-8.º. Contém esses volumes: o 1.º a história antiga; o 2.º a história média; o 3.º a história moderna até o tratado da quadrupla aliança; o 4.º a história da América, especialmente do Brasil, com uma ligeira notícia dos descobrimentos e progressos industriais desta época. Houve duas edições póstumas, feitas por partes, uma de 1864, e outra de 1876.
- *Monarquia — Democracia.* Rio de Janeiro, 1860, 56 páginas in-4.º. Saiu anônimo. E' a reprodução de um trabalho que publicara no "Jornal do Comércio" de 23, 24 e 25 de maio, refutando o opúsculo "Os cortesãos e a viagem do Imperador" do dr. José Joaquim Landolfo da Rocha Medrado. — Segunda edição no mesmo ano. O opúsculo de Medrado recebeu mais duas contestações: Antônio David de Vasconcelos Canabarro, *A Monarquia Constitucional e os Liberais*; Joaquim Pinto de opúsculo "Os cortesãos e a Civilização".
- *A sorte grande* — Novela escrita em alemão pela sra. Fanny Lewald; traduzida em francês e do francês para português. Rio de Janeiro,

FONTES SOBRE J. JOSE' DA ROCHA

- Almeida Nogueira — *Tradições e Reminiscências* — série 5.ª, p. 86.
- *Galeria Nacional* (do *Jornal do Brasil*), 2.ª, n.º 131.
- *Inocência* — *Dicionário*, vols. 5.ª p. 163; 13.ª, p. 271.
- Jacy Monteiro — *O Constitucional*, 15 de julho de 1862.
- *Jornal do Brasil* — 10 de julho de 1847.
- João Ribeiro — *Autores contemporâneos*, página 157.
- Lery Santos — *Panteão Fluminense* — p. 193.
- Rio Branco — *Elementos Brasileiros*. (Efeméride de 10 de julho de 1862).
- Sacramento Blake — *Dicionário*, vol. 5.º.
- Silvio Romero e João Ribeiro — *Manual da História da Literatura Brasileira*, p. 459.

- Foi também publicada na "Marmota", em 1869, de 1122 a 1196.
- *O páris da sociedade brasileira* — *Novela*. Rio de Janeiro, 4 tomos in-8.º.
- *Disertação contra o regime penitenciário, aplicado ao Brasil e aos povos meridionais* — Parece que não foi impressa.
- *Essaio crítico sobre o modo, por que se deve escrever a história do Brasil*. — Era destinado ao Instituto Histórico; mas o autor anistoseu da instituição, e por esse motivo não pôs em realidade a oferta.
- *História parlamentar e política do império do Brasil* — Parece que não foi concluído.
- *Os miseráveis*, por Victor Hugo — O tradutor tinha em mãos essa obra, que traduzia para ser publicada no "Jornal do Comércio", em 1862. Por sua morte foi encarregado da continuação Antônio José Fernandes dos Reis.
- Na *Galeria dos Brasileiros Ilustres* existem da autoria de Justiniano da Rocha as seguintes biografias: *Sergio Teixeira de Macedo*, *João Tomaz de Nabuco Araújo*, *Imperador D. Pedro I e Bernardo de Vasconcelos*.

ANA AMELIA E MARCOS DE MENDONÇA

Em Paris, onde se encontraram, foram vítimas de um desastre de automóvel a poetisa Ana Amelia e o jornalista Marcos de Mendonça. O acidente teve ligeira importância.

PEDRO CALMON

O sr. Pedro Calmon foi nomeado Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, indo substituir o dr. Inácio Azevedo Amaral.

MANOEL PRADO

Na última quinta-feira (30 de setembro) o Dr. Manoel Prado visitou, em caráter íntimo, a Academia Brasileira de Letras. Recebido em amistoso chá, foi saudado pelo sr. Afonso de Paiva. O ex-presidente do Peru agradeceu a homenagem que lhe era tributada pela Academia.

cões? o trono é um burgo; talvez, pois, todo tempo de preparar o país para esse governo republicano, tanto mais nobre, tanto mais excelente, quanto se assenta em lustração e em virtudes, que o povo brasileiro há adquirido nos longos dias da minoridade".

Depois da Abdicação

JUSTINIANO J. DA ROCHA

Na manhã de 7 de Abril de 1831 a nação brasileira achou-se em perfeita anarquia: o Imperador, a bordo de uma nau inglesa, havia abandonado a sua jovem família à magnanimidade da nação; o ministério não podia governar, pois contra ele fora dirigida a revolução; as câmaras representativas, ausentes, pois o movimento se fizera no intervalo das sessões; ao pé do trono, em torno do poder, ninguém, nem um príncipe, nem um cidadão que tivesse alguma popularidade, que sobre si pudesse assumir a responsabilidade da governança.

O exército que tomara parte ativa no pronunciamento, entregou às mil direções da insubordinação, nem sequer tinha a unidade necessária para poder dar uma autoridade à revolução vencedora.

Os corpos policiais ainda mais elvidos do princípio de

insurreição do que os corpos de linha, nem ao menos ofereciam o ponto de apoio material necessário à manutenção da ordem pública.

Nem uma milícia cidadã, nem uma guarda nacional, nem uma autoridade municipal, nada que compreendendo a gravidade da posição política, desse um centro qualquer à administração. Até mesmo entre os chefes populares, que mais ardentes tinham provocado o movimento, não havia uma ambição grande e nobre, uma só coragem que se fizesse usurpadora.

A inspiração de D. Pedro I, que o levava a abdicar o trono, como que havia tomado de surpresa os insurgentes, que a não tinham previsto, que não estavam preparados para essa eventualidade, e que, pasmos da fácil vitória que lhes en-

tregava o poder, não sabiam que destino dar-lhe.

O povo estava no campo; dois sentimentos o dominavam, os dois sentimentos que haviam alimentado a luta contra o governo imperial: eram estes: 1.º, a insubordinação nacionalizada de aversão contra os nascidos em Portugal; e 2.º, a ardente aspiração para a república, apresentada francamente nos últimos dias do reinado, sob o véu transparente da federação, e que, na política ativa e de combate se havia substituído ao pensamento liberal.

Dado esse caos de elementos, que político não diria: "daqui só pode sair a subversão, daqui só uma conflagração geral que não se extinguirá nem nas ondas de sangue derramado pelos ódios!" Pois enganar-se-

fam as sinistras previsões do político: a ordem se fez no caos; nem o punhal da vingança particular, nem o cutelo da vindicta pública se tingiram de sangue. O nobre instinto do coração brasileiro bradou: "Perdão para os fluidos! A causa de todos os nossos males não está entre nós!" Culmina generosa, que às paixões vencedoras oferecia, como vítima expiatória, o príncipe que abandonara o trono. E as paixões aceitaram essa vítima; a calúnia teve os foros de verdade, e serviu de escudo para todos os vencidos.

Aos famintos da nacionalidade: "Para que, dizia-se, vingança? não nos ocupemos do passado, senão para evitar a sua reprodução; no trono está um príncipe nascido no Brasil, que há de, como nós, amar a sua pátria e a sua gente". Aos famintos da república, dizia-se: "Para que precipita-

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORANEA

Segunda Série — Antologia da Prosa — XXIV - JOSE' LINS DO REGO



JOSE LINS DO REGO

JOSE' LINS DO REGO

Nasceu no engenho Corredor, na Paraíba, em 1901. Ficou sem mãe com seis meses de idade, e passou a ser criado pelo avô, o Coronel José Lins Cavalcanti de Albuquerque. Estudou as primeiras letras na Escola Pública do Pilar, onde teve dois professores — D. Maria Eugénia e o velho João Cabral. Aos 9 anos entrou no internato do velho Eugénio Lauro Maciel Montalvo, em Itabaiana. Daí passou para João Pessoa, onde completou as humanidades. Matriculou-se, então, na Faculdade de Direito de Recife, onde se formou em 1924. Durante o curso jurídico, manteve no Recife, com Osório Borba, uma revista intitulada *Dom Casmurro*, que deu 30 números e foi empastelada.

Formado, veio para o Sul, e obteve um emprego em Minas, como promotor de Manhuassu. Em 1926 obteve outra colocação: a de fiscal de bancos em Macaé. Finalmente, foi agente fiscal do imposto do consumo, cargo em que hoje tem exercício no interior do Estado do Rio.

Bibliografia de José Lins do Rego

- *Meuino da Engenho* (Prêmio da Fundação Graça Aranha) — 1.ª edição, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1939; 2.ª, 3.ª e 4.ª edições, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1939, 1939 e 1943, respectivamente.
- *Doidinho*, romance — 1.ª ed., Ariel Editora, Rio, 1939; 2.ª, 3.ª e 4.ª edições, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1938, 1937 e 1943, respectivamente.
- *Banguê* — 1.ª e 2.ª edições, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1934 e 1943.
- *Moleque Ricardo*, romance — 1.ª edição, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1938; 2.ª e 3.ª edições, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1936 e 1940.
- *Usina*, romance — 1.ª edição, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1938; 2.ª edição, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1940.
- *Histórias da Velha Totônia* (Livro para crianças) — Livraria José Olímpio Editora, Rio, 1938.
- *Pureza* — 1.ª, 2.ª e 3.ª edições, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1937, 1940 e 1943, respectivamente.
- *Pedra Bonita* — 1.ª, 2.ª e 3.ª edições, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1937, 1940 e 1943, respectivamente.
- *Ólimpio Editora* — Rio, 1938, 1939 e 1943, respectivamente.
- *Riacho Doce*, romance — Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1939.
- *Água-mãe* — (Prêmio Felipe d'Oliveira) — Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1941; 2.ª edição, Livraria José Olímpio Editora — Rio, 1942.
- *Gordos e Magros* (ensaios) — Casa do Estudante do Brasil — Rio, 1942.
- *Fogo-morto* — Prefácio de Otto Maria Carpeaux — Capa de Santa Rosa — 363 páginas — Livraria José Olímpio Editora — 1943.
- *Brando entre o mar e o amor* — Novela coletiva, de autoria de Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Aníbal Machado, Graciliano Ramos e Jorge Amado. — Ditretrizes, 1941.
- *Poesias e Vida* — crônicas — Editora Universal — Rio, 1945.
- *A vida de Eleonora Duss* (tradução), de Max Reinhardt (Coleção O Romance da Vida) — Livraria José Olímpio Editora, Rio, 1940.
- *O benquerido Maciel Montalvo* — (discurso) — Brasil Atualizado, vol. XX.
- *O diário de José Lins do Rego* — vol. XXI.

O Amor

JOSE' LINS DO REGO

(Capítulo do romance "Eurídice")

Não sei se possa chamar de amor aquele meu fraco pela mulher que era inteiramente de Faria. Sabia disto, sabia que ela não me tinha em conta de coisa nenhuma. Lembrou-me de vê-la ao meu lado, e vinha de seu corpo uma estranha força sobre mim. Se estava no banho, se escutava o rumor do chuveiro, ou o gluglu da água na banheira, perdia a tranqüilidade, a minha imaginação ajudava o meu acôndamento, e sofria, sofria muito.

Faria voltara a me falar de seu caso, a procurar auxílio para uma decisão que não vinha, que temia. Para ele Eurídice valia tudo o seu sacrifício. E aquele rapaz tão cheio de reservas, tão refratário a se abrir, era agora uma só conversa. E me pedia opinião. Ainda nada mandara dizer ao pai. Tinha a certeza de que o velho não concordava. Toda a família tomaria o seu gesto como uma loucura. Tudo poderia ser verdade, mas amava Eurídice. Animava o companheiro, mas muito me custava fazê-lo. A noite ia para a cama como que atacado de uma angústia. Ficava à espera de Eurídice. Ouvia os seus passos perto de mim, via a sua sombra. E só descansava quando sabia que ela estava nos braços de Faria. Então começava o outro sofrimento. Todos aqueles gemidos, todas aquelas vozes em cochichos, aquele balbuciar sófrego me conduzia a uma espécie de desespero. Era terrível. O monstro me possuía, me arrasava. E quando tudo estava consumado, vinha o pior. Era um cheiro de amor, de mulher, de homem, de gozo, de saciedade, mas aquelas coisas que persistia sobre mim, até que o sono da madrugada chegava.

Aquilo não podia continuar assim. Quisera procurar outra casa para morar. Sabia que do jeito como andavam as coisas terminaria inteiramente perdido. Porque cada vez mais me ligava a Eurídice. Quanto mais sabia que ela era inteiramente de Faria, mais me prendia aquela sua carne, aquele seu corpo.

Uma tarde, estava sozinho no quarto e ela apareceu, espantada como de outras vezes. E imediatamente fechou a chave a porta e, como se não me visse, foi diretamente para a mala de Faria, e mexeu e remexeu nos seus papéis. Procurou as roupas do armário. E como se tivesse fracassado em algum intento, voltou-se para mim, aflita:

— Julio, Faria recebeu alguma carta de casa?

Como lhe dissesse que nada sabia, ela me olhou com tal ternura que me aterrorou. E deixou-se na cama de Faria.

— Mãe saiu, e Noêmia foi ao cinema. Julio, você acha que Faria se casa com mim?

Que responder-lhe, com

O CARREIRO MIGUEL

JOSE' LINS DO REGO

Um ótimo artigo de Celso Mariz sobre o carro de boi na Paraíba, me fez lembrar de Miguel Targino, o carreiro mór do meu avô. Era alto, espadado, de longos bigodes, de olhar manso como o dos seus bois de coice. Miguel merecia toda confiança para as viagens da família, para os carregamentos de lã, até a cidade da Paraíba. Quando a minha tia Maria marcava um passeio Miguel era a primeira pessoa a ser prevenida. Lembrou-me dele, como de um gigante dos contos da velha Totônia. Ele sabia manobrar um carro como um gênio, sabia tratar dos seus bois como se fossem de sua propriedade. Aliás os carreiros eram como donos de suas juntas de coice e cambão. Diziam mesmo entre eles: O "Medalha" é de Miguel Targino, o "Lavan-deira" é de Chico Preto. Este sentimento de posse em Miguel era macio e brando. Os seus bois estavam sempre gordos, bem tratados, sem bicheira. Miguel era mestre carreiro com todos os títulos. Nunca dera uma virada, nunca perdura um novilho no "amanso", nunca arrancara um moirão do porteira, uma mesa de carro. O cantar de seu carro era firme; os coices choravam com o peso da lã e da cana madura, num canto que não variava de tom. Sabia-se de longe quando Miguel Targino vinha carregado. Ele comandava os companheiros. Era quem trazia os conhecimentos da estação da estrada de ferro, quem marchava na frente dos 10 carros do Coronel José Lins nas entradas tri-

uniais em Pilar, em São Miguel, em Coltezeiras, no Varadouro. Nas viagens com a família da casa-grande agia como homem de confiança ilimitada. Lembrou-me do carro parado, coberto com as esteiras, com colchões nas tábuas da mesa, à espera do povo. Fazia-se madrugada para as longas viagens. A última que fiz com Miguel Targino tinha 10 anos. Foi com a tia Naninha em sua viagem de lua de mel. Iamos em visita aos parentes de Pernambuco, lá para as bandas do Itambé. O tio Ruy, a cavalo, nos acompanhava e o carro mudo, (botava-se sabão nos coices para evitar o choro alto da carruagem), subindo e descendo ladeira. Depois calamos na areia branca do "lã-boleiro". Horas e horas de viagem. Por fim, a manhã começava a aparecer. Ouvia-se a voz de Targino mandando nos bois mansos. De vez em quando descia ele para chamar a junta do cambão para um atalho qualquer. E o carro rompendo caminho. Eu ficava ao lado de Miguel. Às vezes pedia-lhe a "macaca" para judiar com os bois de coice. Miguel não deixava nunca. Ele amava as suas juntas bem tratadas. E não queria que o Coronel visse sinal de judiação nos lombos de suas crias. O carro enterrava as rodinhas na areia fofa, quebrava as pedras do caminho, mais adiante, iam chegando. E a voz de Miguel Targino rompia o silêncio: Ei — "Labirinto", ei — "Medalha".

(O Cruzeiro, 28-2-1942).

evasiva, mas o olhar de Eurídice me atraía como uma sedução indomável. Aproximei-me dela, e parecia me chamar para a perto de si. Então eu lhe contei tudo. E falava com a voz trêmula, e falava para fugir de Eurídice. Mas o calor de seu corpo me abrasava. Aquela calor cobria-me de um vapor estranho, odorante, que entrava no meu sangue. Permaneci quieto, mas Eurídice me chamou:

— Senta aqui, Julio. E me pegou na mão.

Senti-lhe mais ainda o calor de sua carne. E via as pernas de Eurídice, no desleixo do quimono, quase até as coxas morenas. Sim, aquilo era maior do que tudo o que podia haver nas minhas forças.

— Julio, Faria não tem outra mulher?

E como eu não pude responder, Eurídice ergueu-se da cama, e eu vi os seus seios, e eu vi a mulher que me esmagava com aquela voracidade do monstro noturno. E ela compreendeu tudo. E sorriu, diabolicamente, e me apertou as mãos. E igual a uma descarga elétrica, cai sobre o soalho e beijei-lhe os pés nus, as pernas quentes. De nada sei mais. Sei que um cheiro como aquele das outras noites aninhava o quarto, e que permaneci no chão, e

que Eurídice me alisava os cabelos. Chorei. E ela, ao ouvir gente a subir pela escada, desapareceu. Pude compor-me, e dei-me na cama de onde saíra. E aí veio-me chegando um torpor do corpo inteiro. Não tinha força para mais nada. O cheiro de carne, de amor, de saciedade, estava ali nos lençóis de Faria. Vencendo o barulho da rua, um canto de cigarra parecia uma voz de gente feliz. Seria que Eurídice me amava também? Ah! aquela dúvida não durou um segundo. Não me amava, tivera pena de mim. Era toda de Faria, só dele, inteiramente dele. Esta certeza me alucinava. Procurei sair do quarto para fugir daquele cheiro absorvente. Beijara-lhe os pés, e ela passara as mãos pelos meus cabelos. Mas quando ia saindo, Eurídice apareceu no corredor e quis saber para onde eu ia.

— Eu vou com você, Julio. Tenha que passar na farmácia.

E saímos os dois. Nada lhe podia dizer, e Eurídice me falava da mãe que andava com pavor de briga do filho por causa de política. E quando senti a mão de Eurídice que me segurava o braço, tive medo. Medo de

(Continua no pag. 123)

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Segunda Série — Antologia da Prosa — XXIV — JOSE LINS DO REGO

Natal de 1942

AGUA-MAE

JOSE LINS DO REGO

É dia de confraternização universal e o mundo inteiro está em guerra. Há sangue derramado em todos os continentes. Há sangue sobre os gelos da Sibéria, nas terras quentes da África, nas cidades radiosas da Itália, — nos campos da Escócia, nos verdes mares do Brasil. Por toda a parte a morte gerada pela besta humana. A morte como mestrado e medida de tudo, mestrado e medida do homem em fúria. A morte mandando mais que a vida, a morte como máquina do homem, seu poder terrível. Dia de confraternização, dia de solidariedade, nascimento de um Deus que quis ter carne, corpo, alma dos homens. Um Deus que nasceu entre os homens para amar e sofrer como os homens. O abstrato, a ideia tomando formas concretas para não fixar a verdade, para não afirmar o poder divino. O Deus que nasceu, o Deus que teria sangue, olhos para ver, mãos para pegar, — que tinha a natureza de todos nós, viera para ligar o homem à divindade, dar ao homem mais consciência de que era mais carne e osso. Então ele nasceu numa estrebelha e foi adorado pelos reis da terra. Tocava aos escravos. Era povo e era mais do que os poderosos. Era o homem, uma soma de todas as forças do homem. E assim o Deus que sala de uma gente imbuída de profetas, nascia para fazer um mundo novo. Um mundo novo era obra para as mãos de um Deus. Fazer um mundo novo, num velho, foi o que realizou o menino que nasceu junto dos bichos, ouvindo o rugir dos bois, na pobre estrebelha de Belém.

Havia uma estrela no céu que guiava os pastores e os reis magos. O menino ligou os bichos, o povo, os reis na aurora que surgia no céu. Tudo era luz no instante do mundo que apontava. As borras do céu se quebravam para que a luz chegasse à estrebelha do caminho de Belém. Deus nascia como o mais pobre dos camponeses, como o mais desgraçado pastor que dormisse ao calor das vacas, no calor animal dos bichos.

O mundo novo que surgia da noite seria a pátria dos desheredados, o solar dos ricos, a tacha dos selvagens. O mundo novo era a revolução de Deus. Deus vinha para ser o povo, o que não tem classe, o que é universal, o que pode ser dono de todo o ouro da terra, e dono somente de sua vida. O mundo estava envelhecido, duro, sem graça. O homem escravizava o homem, o homem podia disparar do sangue do outro como de mercadorias vil. Deus fazia a revolução. Sempre Deus seria a revolução verdadeira. "Deus pode representar, popularmente, como a revolução", dizia há pouco um grande católico espanhol. A revolução é Deus, como o diabo é a contra-revolução, o inimigo número um do povo. O que Deus faz é a criação, e o que o diabo pretende fazer é a destruição, é contrariar a vontade de Deus.

O menino de Belém vinha para criar o mundo da fraternidade entre os homens, vinha para ligar a marcha que ficava no corpo do homem do crime de Cain. Mundo de irmãos, mundo de igual perante Deus, mundo sem senhores e escravos, mundo de paz eterna.

Era tudo isto o que nascia na estrebelha da Judéia. Nascia um Deus na terra e nos braços do povo. Quando os reis chegaram já encontraram os pobres pastores na adoração. Mas tinham também filhos de

JOSE LINS DO REGO

O mar ficava além da restinga, mas a lagoa mansa estava ali a dois passos. Da Casa Azul, ouvia-se o bater das ondas na praia, o gomer fundo do mar que nas noites escuras era surtório. A lagoa falava baixinho, cantava mais que gemia. O vento encrespava as suas águas, soprava o nordeste com toda a sua violência, e o mais que ela fazia era cantar mais alto, dar tudo o que podia de seu peito fraterno de mulher. Da Casa Azul via-se a lagoa de lado a lado. Nos dias de enchente, quando a maré crescia, nas luas novas, a água verde subia até à figueira gigante, a espuma branca deixava os seus flocos alvos pelas raízes desdobertas. A Araruama só nas dias de chuva enristecia, perdia as cores, mas quando o céu era azul, o verde de suas águas espelhava ao sol e uma vela branca de barco dava àquele tranqüilidade de deserto uma palpitação de vida, agitando as coisas inanimadas. O silêncio envolvia a Casa Azul por todos os lados. Não se ouvia por ali um grito de gente, um urrar de bicho. Só os entesivos das salinas falavam alto por aquelas bandas. Quem passava pela estrada, via a casa silenciosa cercada de casuarinas, com aquela figueira enorme plantada na frente, de galhos agigantados como uma defesa contra as ventanias de agosto. A casa triste, o casarão de sete janelas de frente, fechada, com as manchas do tempo borrando o azul desbotado das paredes. O mato crescia em derreitor. E mesmo assim, naquele abandono, valia a pena alhar para a Casa Azul, como todos por ali a chamavam. Era triste, mas, apesar de sua tristeza, agradava, tinha o seu encanto especial, uns restos de vida pelos seus alpendres, qualquer coisa do humano nas guilhotinas pintadas de verde, nas cornijas rós de rosa, no branco dos pilares. Não era uma casa morta, era um corpo onde ainda palpitava vida e que respirava. Falavam-lhe apenas os movimentos. Um dia voltaria a ser o que fôra, luzes ainda se acenderiam pelas suas salas, vozes se elevariam de todos os recantos, calor de gente viva animaria o corpo anquiando.

ALGUMAS FONTES SOBRE JOSE LINS DO REGO

- Adolfo Casais Monteiro — J. L. do R., romancista da infância — *O Jornal* — 9-3-941.
- Afonso Arinos de M. Franco — *O espelho das águas* — "Diário de Notícias" — 22-3-42.
- Almir de Andrade — *Tendências do romance contemporâneo* — Lant. Verde — n.º 5-41 — n.º 2-102.
- Alvaro Lins — *Camponês e vagabundo* — (A propósito da seleção Os fatos, de F. de Mucida) — *Correio da Manhã* de 20-3-943.
- Ascendino Leite — *Os Gordos e os Magros* — *Leitura* — Junho 1943.
- Astrogildo Pereira — *A vida e a morte no romance de J. L. do R.* — "Diário de Pernambuco" — Agosto — 1939.
- Brito Broca — *Ouvindo*

- o romancista de Banguê — *Roteiro*.
- Graciliano Ramos — *Conversa de Livraria* — "Diretrizes" — Ano I — n.º 2 (Suplemento Literário).
- Jaime de Barros — *Espejo dos Livros*.
- Jayme Santos — "O meu livro é a história de três mães brasileiras" (reportagem sobre Água-Mãe) — *Planalto* — 15-10-941.
- João Ribeiro — *Menino de Engenho* — J. do Brasil — 8-9-32.
- Doidinho — *idem* — 22-11-33.
- Joel Silveira — *Uma hora com J. L. do R.* — *Vamos Ler!* — 23-2-939.
- Lia Correla Dutra — *Estudos Literários. O romance brasileiro e José* (Continua na pág. 124)

Deus, porque todos tinham na alma o mesmo sópro divino. E a revolução se fez para o mundo inteiro. A era de Cristo acabou com o Império Romano, com as leis de privilégios, com as raças eleitas, com a sabedoria infernal. A era de Cristo era uma criação de Deus. A revolução caminhou pelo mundo com botas de sete léguas: chegou à África, penetrou na filosofia dos gregos, atravessou os mares. A revolução foi mais forte que os leões do circo, e mais forte ainda que a sabedoria antiga. Não havia senhores, não havia escravos. Havia e corpo de Cristo que era o homem redimido de taras diabólicas. A matividade do Deus novo era o nascer do homem liberto de pecados. Tudo que o Deus novo queria era restabelecer a fraternidade que se consumira na natureza humana.

1942, 20 séculos, quase os dois mil anos das profecias, e o mundo ainda resistia à palavra do Deus de Belém. Roma foi abalço, Alexandria pegou fogo, a filosofia grega feneceu. E a revolução de Deus continuava sem que os seus inimigos se deixassem vencer de uma vez para sempre. Outros escravos vieram para substituir os das galés, outras filosofias que se alimen-

Agora a Casa Azul era triste. Tinha uma história que continavam em voz baixa como se se falasse de uma desgraça de família. Os que passavam pela estrada que cortava a lagoa olhavam a velha casa e uma recordação lhes passaria pela mente. Ali sucederam coisas que não se contavam sem medo, sem constrangimento. Os meninos fugiam das árvores do pomar e as mulheres viviam o rosto quando se aproximavam de lá. A história devia ser de muita pena, de muita dor. A figueira brava estendia os seus galhos enormes e o vento gemia neles e as casuarinas soluçavam, viviam no pranto. O silêncio do armo dava relevo a todos estes movimentos de vida. Sentia-se tudo, os menores rumores estremeciam como grande ruído. Quem perguntasse pelos donos da Casa Azul teria uma resposta evasiva. Não moravam mais por ali. Se foram para muito longe. E uma gente rica da ilha, pertence a uma viúva que pouco se importa com a casa.

Mais para longe, para perto do mar, havia uma tapera de palha. Lá morava um homem que tomava conta do sítio esquecido. Diziam que viera de fora, pois gente das redondezas não teria coragem para tanto. E ao pobre sucederam desgraças sobre desgraças: um filho se afogara na lagoa, a mulher morrera de malícia brava e os outros dois filhos haviam fugido num navio de sal que passara por lá, e agora vivia o pobre homem amarelado, de barriga grande, como uma sombra no meio de tantas sombras, olhado pela gente da terra como um pestilento. Era o homem da Casa Azul e todos fugiam dele.

Que história seria essa da Casa Azul? Melhor seria não falar dela, deixá-la no seu canto, não indagar. Mas os que vinham de fora se sentiam atraídos. Era bela no seu recolhimento digno, cheia de um certo ar de superioridade, sobre tudo, sobre os homens, sobre as outras casas. Para um lado ficava a salina da viúva Dona Mocinha, com os molhos de erva azuis e vermelhas e a casa branca, de alpendres largos. Por lá tudo era vida, agitação. As tulhas de sal, no sol, espelhavam na sua alvura de neve e os cataventos falavam alto. Os casais cortavam a propriedade de lado a lado, e via-se gente no trabalho da colheita, homens de pés no chão, carregando sal, outros trabalhando a água azul, como se lavassem a terra. O vento soprava sobre os quadantes, ondulava a água na evaporação e o grão de sal ia aparecendo de vez em quando, com o sol tirando faísca como sobre pedrarias. O vento era o mestre de tudo, a boa máquina mandada por Deus. Os homens falavam no trabalho e as barcas paravam ao longe esperando a carga, com o pessoal de bordo estirado como em seixas, cantando. Outros barcos passavam, peçados de mercadorias, de velas abertas, descendo para o porto. Os barcareiros quase sempre cantavam. Uma vida fácil corria pela água azua da Araruama e a salina de Dona Mocinha, a Maravilha, se não era das maiores do lugar, era das mais bem organizadas. Tudo lá corria bem, com sal de primeira ordem; nunca atravessara dificuldades sérias. Fora dos antigos da família, gente que se fizera no trabalho duro. A viúva botava as coisas para diante, embora os tempos andassem ruins para todos. O marido lhe deixara as contas em dia, pequeno saldo no banco e a propriedade sem gravame, e a fazenda do outro lado da Araruama, com gado gordo. Os filhos pequenos não lhe deram grande trabalho foram crescendo protegidos por Deus, sem doença, até que chegara o tempo do colégio. Agora crescidos, estudavam em Niterói. Os tempos pioravam. O sal chegava a um quase nada. Tiveram que ceder a fazenda, mas, apesar de tudo, não passaram necessidades. Dona Mocinha dirigia tudo, punha as suas vistas em cima de tudo. Os trabalhadores respeitavam-na como a um chefe, como a um homem de coragem. Tudo passava por suas mãos. O marido morrera com ela ainda bem moça. A princípio lutou, teve que aprender, que vencer dificuldades, mas venceu tudo, não precisou se casar. Tinha os seus filhos e por eles chegaria a todos os sacrifícios. Os parentes quiseram arranjar-lhe um casamento. Recusou. Era dos filhos, era somente de seus filhos e foi aprendendo a ser o chefe de sua casa, a resolver as coisas por si só. Do alpendre de sua casa, Dona Mocinha via as terras abandonadas, os canais entupidos da grande salina que fora dos seus vizinhos de muitos anos. O mato da restinga, lá, chegava até às proximidades da lagoa e os bitumbos plantados para cerca se espalhavam, se multiplicavam abundantemente e enchiam as terras, com o verde escuro de suas folhas. Dona Mocinha devia saber muita coisa a respeito da Casa Azul. As salinas, ali, tinham perdido o nome, se tinham acabado para que se restasse aquela casa, enchendo tudo com a sua figura misteriosa. Os cataventos enferrujados, as águas podres dos velhos canais e, dominando tudo, a Casa Azul, velha, ninha de morecos, fazendo medo à gente da terra, com a sua vida desconcertante e os seus poderes malfélicos. Dona Mocinha sabia de tudo, mas quando lhe perguntavam alguma coisa, quando algum filho lhe indagava pela Casa Azul, mudava de conversa ou cortava o assunto com uma palavra seca. Os meninos guardavam uma impressão de quase pavor e quando algum se aproximava de lá, se metia pelo sítio atrás de passarinhos ou de fruto maduro, corria o outro para contar à mãe porque era proibido e perigoso penetrar naquele recanto. Só a lagoa não ia com essas precauções. Ali mesmo, quando na porta da Casa Azul, ela abria uma curva de praia branca e as suas águas batiam de leve, de manso, nas pedras do pequeno calis em ruínas. A lagoa era mais bela justamente defronte da Casa Azul.

(Trecho do livro do mesmo título, págs. 9-13).

João de Deus
de
Lins do Rego
1941
Buzin

Autógrafo de José Lins do Rego

O Recife de Coral de J. M. de Heredia

"O Recife de Coral" é um dos sonetos mais famosos e mais formosos dos "Trojans", de J. M. de Heredia. Deste soneto conseguimos reunir sete traduções brasileiras — desde a de Teófilo Dias até a de Severino Montenegro. Damos hoje as três primeiras dessas oito traduções (por ordem cronológica); no próximo número, daremos as restantes.

LE RÉCIF DE CORAIL

(J. M. DE HEREDIA)

I
Le soleil sous la mer, mystérieuse aurore,
Éclaire la forêt des coraux abyssins.
Qui n'ait, aux profondeurs de ses tièdes bassins,
La bête épanouie et la vivante flore.

Et tout ce que le sel, ou l'ode colore,
Mousse, algues chevelues, anémones, oursins,
Couvre de pourpre sombre, en somptueux dessins,
Le fond vermillé du pâle madrepore.

De sa splendide écaille éteignant les émaux,
Un grand poisson navigue à travers les rameaux.
Dans l'ombre transparente indolentement il rôde;

Et, brusquement, d'un coup de sa nageoire en feu

Il fait, par le cristal morne, immobile et bleu,
Courir un frisson d'or, de nacre et d'émeraude.

II

BANCO DE CORAL (TEÓFILO DIAS)

Sob as vagas, o sol, misteriosa aurora,
Envolve em luz sanguínea um bosque de corais,
Que abriga no frescor dos antros vegetais,
Feros monstros do mar e uma esplêndida flora.

E das formas que o sol ou o lodo colora,
Musgos, alga marinha e anêmonas mimosas,
O sombrio desenho, em linhas suntuosas,
Da madrepora branca ao fundo se incorpora.

Entre os ramos bolando enorme peixe embaça
Das escamas o brilho: ora obliquo, ora a pino,
Na diáfana sombra indolente perpassa.

Ou eléctrico, dando um salto repentino,
Sobre o imóvel cristal, com a barbatana traça,
Um relampago azul, dourado e esmeraldino.

(Diário Popular de São Paulo, 27 de outubro de 1907. Apud Alberto Farla — Aerides, pag. 6.)

III

O PEIXE

(EMÍLIO DE MENESES)

Do mar, ao fundo, o sol, em misteriosa aurora,
Dos corais da Abissínia a floresta alumia,
Banhando, à profundez da tépida bacia
A fauna que floresce e a palpitante flora.

E tudo o que do oceano o lodo ou o sal colora
— A anêmona marinha, as algas de haste esguia,
Põe suntuoso desenho em púrpura sombria
Na pedra verminosa onde o polipo mora.

Amortecendo o brilho à refulgente escama,
Um grande peixe vaga entre a enlaçada rama;
Da água as ondas, em torno, indolente desfralda.

Mas súbito éle agita a barbatana ardente,
E à tona do cristal azulando e dormiente,
Corre um rastilho de ouro e nêcar e esmeralda!

(Poésias)

Sonetos a Nossa Senhora MUCIO LEÃO

I
Foi teu sorriso que em meu berço, um dia,
Paiou, como uma sombra protetora,
Inundando-o de graça e de poesia,
De uma poesia e graça imorredoura.

A vida, a triste vida destruidora,
Afastou-me de Ti, oh! Estrêla! oh! Guia!
Nunca mais tua sombra acolhedora
Voltou a me sorrir, como sorria!

Hoje, que cruzo o meio do caminho,
Sonho volver de novo ao teu carinho,
Ao teu sorriso de imortal encanto.

Ah! se pudesse esta alma renascer
Gozar o bem da verdadeira vida,
Sob a doçura e a bênção do teu manto!

II

El-las todas: preletras, esplêndidas,
Um as alegres, outras merencóreas,
Enchem de encanto as páginas frescas
Dos romances, das lendas, das histórias.

Vejo, contemplo essas visões ardentes,
Mas, entre tantas sombras ilusórias,
Meus olhos buscam, amorosos, crentes,
Tua imagem de luz nimbada em glórias.

Só a ti é que eu busco, Imagem linda,
— Consolo na aflição e na desgraça,
Penhor do único Amor que nunca finda!

Porque tu és de todas a mais pura,
E só no teu divino ser fulgura
O divino clarão da eterna Graça.

III

Imaculada Luz das noites tristes,
Domadora do raiar e do escurecer,
Bem sei, Piedosa Luz, que vós ouvisdes
Os apelos dos homens, lá no Céu.

Bem sei que para os pobres vós sorristes,
Que fôstes proteção e amparo ao réu;
Que sobre toda a humanidade abristes
Vosso radioso, constelado Veu.

Oh! Luz das noites tristes... minha noite

Triste se estende, sob o eterno açoite
Dos ventos maus... Dai-lhe, Imortal Visão,

Do vosso olhar a proteção bendita:
— Um fulgor que na tenebra infinita
Seja a promessa de uma redenção...

IV

Sonho, Visão, Imagem pura e linda,
Harmonia imortal, Glória e Esplendor,
Redire um raiar de tua luz infinda
A aridez dos meus dias sem fulgor.

Sonho, Visão... Desça ao meu ser ainda
A carícia com que — Piedade e Amor —
Os monstros domas... esse Sol que blinda
Os que encontras nas ânsias e na dor.

Desça a mim um clarão desses luars
Em que te envolves... e com que bendizes
As almas que o teu santo amor seduz...

Dá-me um dos teus celestiais olhares,
Oh! Madrinha dos homens infelizes,
Minha Madrinha — Sempiterna Luz!

A Missão dos Carijos

(Continuação da página 117)
que parece que um Tupiara fez algum agouro, no qual mandou queimar a casa e tomar-lhes as mulheres, e ele acobrou-se como disse a uma de suas esposas. E este principal disse aos brancos que se não apressassem se ele fizesse algum agouro queles Tupiaras, porque eles eram causa de ele não vir. E por diversas vezes sonhavam como os Anchieta desceram, vieram, mas com medo das vilas tuburcas, que tem tapado aquele caminho não vinham, nem na outra lugar por onde possam passar para cá. (XVI).

(I) Bras. 15, 73-100v. Notícia Missionária. Original em português. O autor, que não vem indicado, é o P. Jerônimo Rodrigues, companheiro do P. João Loteno, nesta missão. O P. Loteno e eu... Ambos grandes acrobatas. O primeiro, natural de Cucanha, tinha vindo para o Brasil em 1572 e faleceu em Revitiba, catógeno, em 1631 (Lus. 19, 46; Lus. 58, 20). O P. João Loteno, de Lisboa, entrou na Baía, em 1567, e foi tido por santo ainda em vida. Faleceu no Rio, a 29 de Janeiro de 1628 (Bras. 13, 11; Séc. de Vasconcelos, Vida do P. João de Almeida, 28-30). Já na História, I, 230, nos referimos a esta relação (de que publicamos alguns passagens) e a outras cartas de Jerônimo Rodrigues, inseridas na Relação Anual de Fernão Guerreiro (II, 419-424). Publicamos-lhe agora na íntegra Jerônimo Rodrigues não diz a quem se não há, refere-se do contexto que foi a um Padre, de S. Vicente para cima: os bichos dos pés, de cá, são mais miúdos que os de lá; com inundações, de cá, fazem menos matança que quatro de lá. Portanto, de uma terra, onde havia índios e bichos de pé, para outra onde também se lavia, do Brasil para o Brasil. Importavam nos Padres os costumes dos Índios e as possibilidades de estabelecer lá uma missão. De que o cuidado do escritor em anotar as dificuldades da alimentação e do viver. A história e a conversão dos índios tuburcas, na escravatura, e escravatura... Toda esta relação está escrita num estilo desenfadado, de aliminação de informações sobre a etnografia e vida social daquela gente, e por um escritor, que não escrevia por ouvir dizer, mas via com os seus próprios olhos. Não há, porém, de que umas meninas foram a fon-

te, que está aqui pegada com o nosso tupiara...

Dada a extensão desta informação, em vez de indicar, no princípio, os parágrafos, como temos feito, preferimos inserir-las no decorrer dela, para mais distinguido dos assuntos.

(II) Nossa Senhora da Conceição, de Ilhabela.

(III) Para a cerimônia litúrgica do enterro de Jesus, sexta-feira santa.

(IV) Visitador do Brasil, de 1583 a 1589.

(V) Arcas, fruto do arca da família das miraflores (C. de F.).

(VI) Cucanha, diocese de Luanda (Bras. 5, 82v).

(VII) O P. Custódio Pires, de Almeida, foi o primeiro mestre-escola do Rio de Janeiro, onde morreu a 10 de Fevereiro de 1630, com 83 anos de idade e 60 de Companhia (Bras. 5, 41d).

O P. Agostinho de Natos, natural de Lisboa, veio em 1572, missionário em diversas partes do Brasil e faleceu no Rio em 1613, segundo o catálogo da Vitz. Em. I, fev. 1402 1583, n.º 6; mas a notícia da sua morte vem na lista de 1587-1617 (Bras. 5, 218-220).

(VIII) Mampituba.

(IX) O Padre... (XII) e o P. Antônio da Cruz, vindo de Portugal em 1572. Bom linguista, trabalhou na Capitania de S. Vicente, e faleceu no do Espírito Santo em Agosto de 1641, com mais de 80 anos de idade e 88 de Companhia (Cat. da Bibl. Emum. I, p. 252; Lus. 19, 46; Bras. 5, 533v).

(XIII) O P. Manuel de Paiva, um dos fundadores de S. Paulo e seu primeiro Superior.

(XIV) Batia de Trindade, no Rio Grande do Sul.

(XV) Tachauer, no seu mapa (História do Rio Grande do Sul, I) coloca os Anchieta entre Porto Alegre e Pelotas, na terra frutosa.

(XVI) Pêro Correia e João de Sousa.

(XVII) Camisa sem mangas feita de entrecasco de arvore (C. de F.). Não há contradição. Quando antes se dizia que eram lindas, tratava-se de seda, para se venderem um aos outros; aqui diz-se que não são lindas, isto é, que não robam as coisas uns dos outros.

(XVIII) Termina aqui o manuscrito. Seguem-se umas breves notas ou lembranças do autor, para futura desenvolvimento, o que se não fez.

AUTORES E LIVROS

Em sua coluna do "Jornal Pequeno", o Recife, Mario Sete escreveu acerca de AUTORES E LIVROS a seguinte crônica:

Múcio Leão continua a publicar o seu AUTORES E LIVROS. E aí temos uma boa notícia literária para o Brasil e em particular para Pernambuco por seu timoneiro um pernambucano de nome chelo de altas tradições.

Tudo o mundo se recorda da primeira fase dessa publicação, como suplemento dominical de "A Manhã", do Rio. Saiu por quatro anos, magistralmente vivo o interesse pelas suas páginas. E constitui, hoje, o AUTORES E LIVROS uma verdadeira antologia de nossa literatura, com profusos artigos de crítica, cuidada bibliografia, além de notáveis colaborações selecionadas.

Todos os vultos notáveis de nossa letras tiveram o seu número de estudo da sua formação intelectual, com um recolhimento carinhoso de suas mais belas criações.

Faleça-las e ter, como disse-

O AMOR

(Continuação da pag. 122)

que me vissem e que estivesse a trair o amigo que se casaria com ela.

— Julio, você tem um coração de ouro.

E não deixá-la, fui andando tocado de desespero. Vi, então, o velho Campos, vagaroso, a olhar absorto. Depois vi que parava para cumprimentar uma moça que lhe sorria. Mulheres, me dizia, éle, de qualquer natureza, mas mulheres.

mos, um panorama literário brasileiro dos mais completos e dos mais deliciosos, orientados por quem dispõe de credenciais de cultura para fazê-lo. E, também, dobrado carinho pela nossa vida cultural.

De tal importância a que o Suplemento que sua coleção já para está custando entre sete e dez mil cruzeiros. Quem a possui dá-se por muito feliz em tê-la às mãos para consultas e releituras sempre úteis.

Agora, AUTORES E LIVROS reaparece como revista independente, semanalmente. Guarda o mesmo formato e embora continuando a dedicar cada número a um vulto notável de nossas letras, ampliou muito mais as outras páginas de colaboração, seções de crítica, versos, bibliografia, ilustrações, etc. Em um de seus números da segunda fase reservou duas páginas para evocar os poetas do Descantes, transcrevendo-lhes as maravilhosas trovas e emulando o mérito literário do volumoso "para a resta de costura das moças" de 1907, raridade bibliográfica que já anda cubizada a Cr\$ 2.000,00.

E nós nos lembramos de seu apelo com o "maluquice" de poetas... "Versinhos de amor" — resumiam, uns. "Desencaminhadores de donzelas" — definiam outros. E... os jovens de então repetiam as trovas com endereços mentais a outras jovens. Hoje, precuidada bibliográfica, e também, raridade amorosa, quando não se precisa mais delas para confissões e madrigais. Há diferentes veículos, "baratinhas" inclusive.

AUTORES E LIVROS tudo recorda e muito mais poderá reviver guiado por Múcio Leão,

ALGUMAS FONTES SOBRE JOSÉ LINS DO REGO

(Continuação da pag. 123)

- Lins do Rego, Seara Nova — Lisboa — 1938.
- Mário de Andrade — Repetição e música — Diário de Notícias — 19-11-939.
- Múcio Leão — Usina — J. do Brasil — 31-7-936.
- Nelson W. Sodré — Memória e Criação — Vagos Leri — 23-11-39.
- Olívio Montenegro — O Romance Brasileiro.
- Paulo Ronal — Água Mãe, de J. L. do R. — O Jornal — 30-3-42.
- Plínio Barreto — Riocho Doce — Est. de S. Paulo — 13-1-40.
- Roberto Alvim Correia — Água Mãe, de J. L. do Rego — O Jornal — 1942.
- Rosário Fusco — Vida Literária.
- R. Navarro — Sobre um romance de J. L. do Rego (Água Mãe) — O Jornal.

sem quebra do zelo guardador da fase anterior, e completando essa antologia da literatura brasileira a que se propôs sem disfarçar velhos e novos, ora apresentando uma apreciação de Anchieta, ora nos revelando versos de Deolinda Tavares. A superioridade mentora desse semanário de cultura não precisa mais ser ressaltada.

E, daqui a alguns anos, sua nova coleção irá se prestigiar no mérito intelectual e na vitalidade do preço da raridade. (Jornal Pequeno — 23-3-948).